



FEIRA DE CAMPINA GRANDE

A Feira de Campina Grande é caracterizada por um tecido contínuo de unidades individuais de venda com coberturas justapostas e estruturas entrelaçadas. As edificações e atividades paralelas lá presentes encontram-se imersas neste tecido, sem o devido respiro. A construção compromete a integridade das unidades de venda, a salubridade das relações sociais e a manutenção das edificações adjacentes. A cobertura instalada atualmente sobre o Mercado Central se sobrepõe e se impõe à lógica e à granulometria da Feira, mas replica a dificuldade de se atuar na proximidade de um recorte tão complexo. Como conciliar densidade e salubridade sem comprometer a identidade e as conquistas da Feira e dos/das feirantes?

A proposta reforça o caráter de **organismo vivo** da Feira de Campina Grande. Propõe-se uma **estrutura única** que se espalhe por entre o tecido urbano consolidado e conecte importantes pontos referenciais da Cidade, criando e incorporando espaços de transição e livre circulação. A nova cobertura permeia o traçado urbano e se configura como um elemento uniforme, se contrapondo às estruturas edificadas (mais altas e maciças), assim gerando uma relação de **figura e fundo** que traz destaque paisagístico ao patrimônio edificado. A superfície plissada enfatiza o sentido oeste-leste e induz o **atravessamento longitudinal** da Feira. Conecta em um percurso linear os conjuntos do Largo do Pau do Meio, do Mercado Central, dos Armazéns, e do Casino Eldorado e as vias adjacentes. A clareza do percurso é reforçada pela **continuidade** tanto dos elementos paisagísticos que compõem as áreas de feira (pisos, coberturas, mobiliário, barracas, vegetação) quanto pelas intervenções arquitetônicas realizadas nos marcos referenciais do recorte (Edifício do Pau do Meio, Mercado, Armazéns e Casino).

ARTICULAÇÃO E VIAS

As vias periféricas do recorte são compartilhadas e funcionam como **transições de amortecimento** entre o tecido urbano e a porção mais central, que concentra as áreas pedestralizadas. Os encabeçamentos das vias limitrofes ao recorte recebem uma marcação de acesso ao conjunto da Feira. Ali se concentram equipamentos e mobiliários como paraciclos, totes e bancos, conformando **pontos de encontro** antes e depois da visita à Feira. As intervenções nas vias foram propostas de forma tanto a reforçar eixos de perspectiva (vegetação e continuidade de organização), quanto a criar especialidades distintas e **variações** ao longo das lógicas internas aos eixos (intervalos entre bancas, alternâncias de porte, mobiliário). As porções de via em frente a edificações com interesse de preservação foram desobstruídas para possibilitar visualização, acesso e manutenção de tais patrimônios.

COBERTURA

A organização da estrutura da cobertura reforça o atravessamento longitudinal da Feira (oeste-leste). Sua altura final é inferior à altura do Mercado Central, explicitando a presença do conjunto arquitetônico preservado. A alternância de comprimento das suas águas preserva a **variabilidade de geometria e textura da malha urbana**. A **materialidade** remete ao existente, com estrutura em mista (vigas em madeira laminada colada e pilares metálicos) de suporte a lona. A modulação estrutural concilia sistemas distintos e suas dimensões (unidades de venda fixas, unidades de venda efêmeras, circulações, infraestrutura, espaços de descanso, áreas de drenagem, etc) em uma malha variável. Por conta da sua continuidade e modulação, a estrutura se solidariza como um todo, reduzindo a necessidade de engastamentos de piso e obras de fundações. Áreas abertas, descobertas, com pés direito maiores e menores compõem uma sequência de espaços com **unidade material e variabilidade espacial**. A continuidade visual e a ventilação do conjunto são garantidas pela padronização das alturas das barracas e sua independência em relação à cobertura superior. O comércio e a vida urbana são recebidas com generosidade e conforto. A estrutura proposta para a cobertura da Feira Central de Campina Grande tem como principal material o MLC, Madeira Lamelada Colada – um produto fabricado a partir de lamelas de madeira (eucalipto ou pinus de florestas plantadas) unidas entre si por um adesivo certificado para uso estrutural; além de leve e resistente, o material é renovável e captura carbono da atmosfera.

O sistema projetado tem vigas principais unidirecionais em MLC, em seção composta (dupla de seções retangulares afastadas) para conter calhas, vencendo vãos de até 18 m entre pilares. A distância máxima entre as vigas principais é de 9 m, e esse vão é vencido por vigas secundárias, de seção retangular, lançadas inclinadas e de forma alternada: ora partindo de ponto alto, ora partindo de ponto baixo; com isso tem-se uma superfície que permite servir de apoio a uma cobertura tensionada – de tecido estrutural PTFE – na forma fanicular (forma perfeita do tecido à tração com rigidez bidirecional). O tecido estrutural tem durabilidade adequada, impermeabilidade e semitransparência, qualidades desejadas no projeto arquitetônico para a cobertura da Feira.

Os pilares são de aço e têm seção tubular quadrada – com alta resistência mecânica e durabilidade às intempéries (por serem galvanizados e pintados). Serão engastados na base e, na ligação com as vigas principais de MLC, têm nós rígidos (ou nós de pórtico) por meio de chapas e parafusos adequadamente arranjados; com isso a estabilidade lateral do sistema é garantida na direção do eixo das vigas principais. Na direção das vigas transversais são estas que, sendo rígidas e unindo os pórticos planos em composição espacial, permitirá um deslocamento lateral, pelo vento, dentro dos limites.

PONTOS DE VENDA

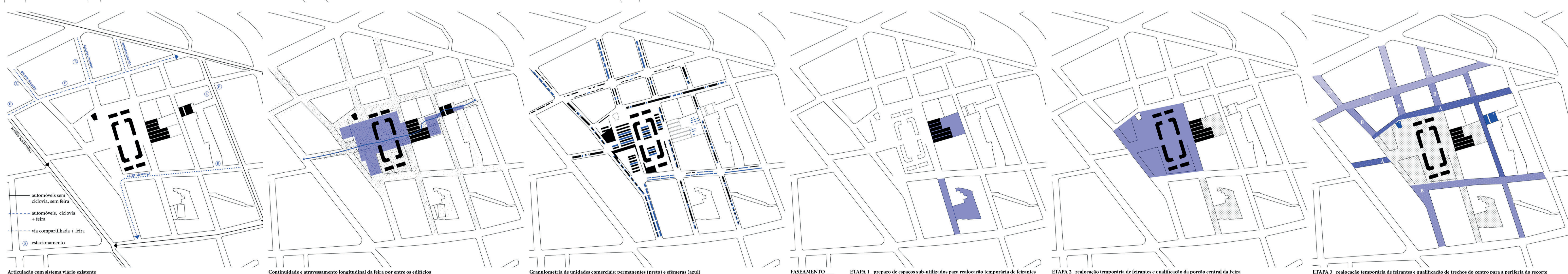
Entende-se a importância de se preservar a densidade e a posição atuais dos pontos de venda. Para além das negociações e tensões que produzem a logística desses postos no correr do tempo, é preciso lembrar que há na Feira um vínculo forte preestabelecido entre os feirantes e seus territórios, associando a conservação desses espaços diretamente à manutenção das práticas reconhecidas como patrimônio cultural pelo Iphan. Para isso, foram propostas unidades modulares de venda, com capacidade de armazenamento (armários), limpeza (sólculos e calhas de drenagem), e adaptação a programas diferentes. A modularidade permite o rearranjo das unidades, propiciando uma dinâmica participativa de consolidação do novo tecido, que absorve as especificidades individuais sem comprometer o desempenho global da Feira.

FASEAMENTO

Como estratégia de redução de impactos na atividade comercial da Feira e de viabilização da intervenção, propõe-se a sua segmentação em etapas. Setores específicos são desmobilizados e realocados temporariamente até que as obras permitam seu retorno.

- A Qualificação de ruas e lotes subutilizados para recebimento de feirantes (de 300 a 500 unidades dependendo da dimensão dos pontos de venda);
- B Deslocamento temporário de feirantes + obras + reassentamento da área central da Feira (Mercado e do Largo do Pau do Meio);
- C Deslocamento temporário de feirantes + obras + reassentamento nas ruas adjacentes à Feira (do centro para a periferia, respeitando a quantidade de bancas passíveis de serem reassentadas);
- D Desmonte das estruturas temporárias e finalização das obras.

As obras relacionadas ao Casino Eldorado e ao Edifício do Pau do Meio são independentes e podem ser realizadas paralelamente a qualquer etapa do faseamento.



CONCURSO FEIRA DE CAMPINA GRANDE

Apoio: CAU/BR, CAU/PB, IPHAN, MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO FEDERAL BRASIL, UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Organização: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

Realização: CAMPINA GRANDE, CIDADE QUE TRANSFORMA

FEIRA DE CAMPINA GRANDE

1/6